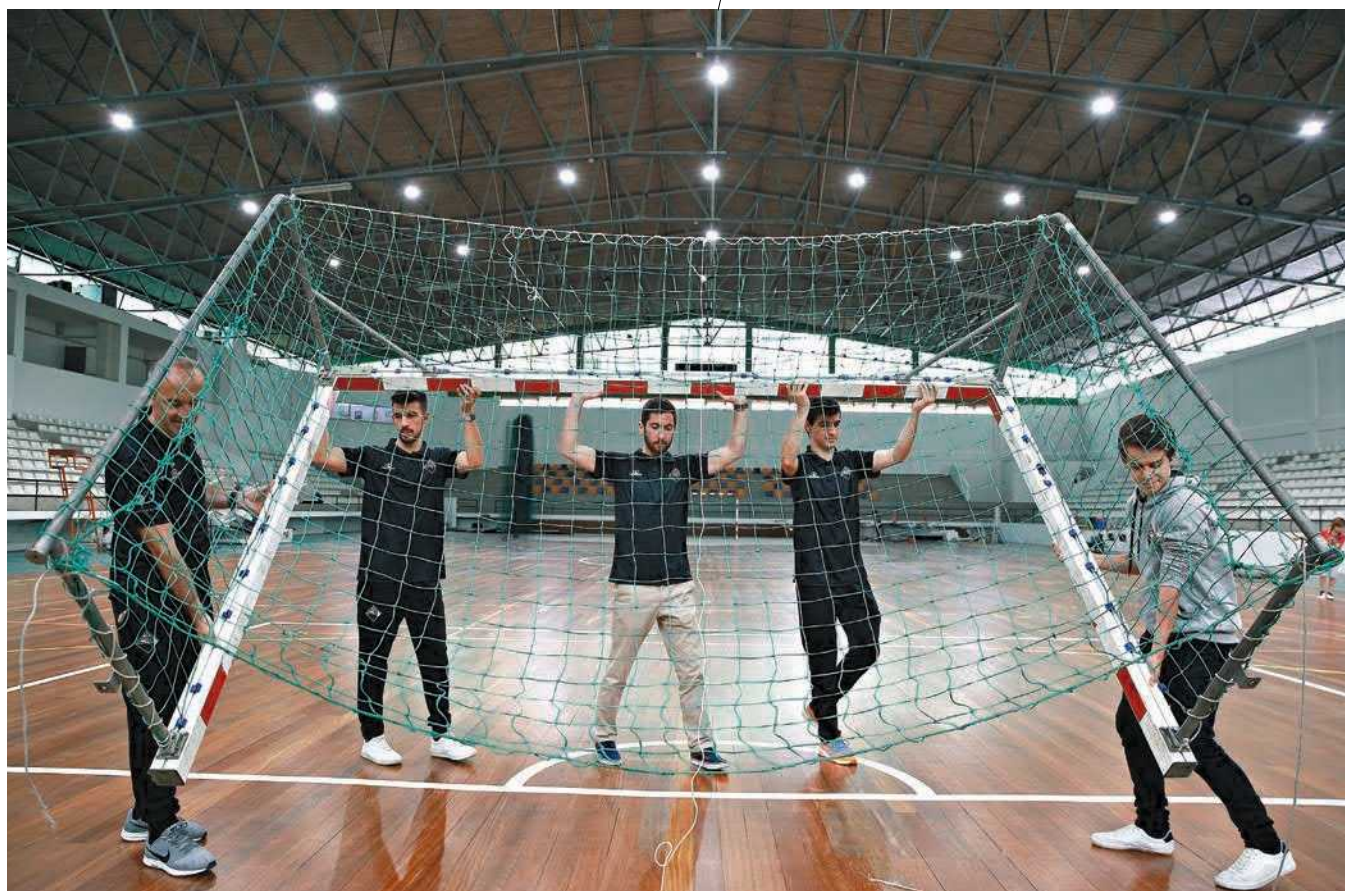




DESPORTO

Expectativa A equipa masculina de futsal da Associação Académica de Coimbra aspira ao pódio nos Jogos Europeus Universitários



JOSÉ CARLOS CARVALHO

Coimbra “à americana”

A mais antiga universidade do País está apostada em ter dezenas de estudantes seus, atletas de alta competição, a participar nos Jogos Olímpicos de Paris, em 2024, ao estilo do que acontece nos EUA

J. PLÁCIDO JÚNIOR

Todos os equipamentos desportivos da Universidade de Coimbra foram reabilitados, com um custo a rondar cinco milhões de euros. Por agora, o investimento serve para a instituição receber a 4ª edição dos Jogos Europeus Universitários, que decorre em Coimbra, entre 15 e 28 de julho. É uma megacompetição desportiva (ver caixa Números “loucos”) que obrigou a universidade a arranjar mais cerca de quatro milhões de euros para o “orçamento operacional” dos jogos.

Há um objetivo concreto, definido e ousado, que justifica tamanho investimento. “Estamos a transformar, de forma profunda, o modelo desportivo da Universidade de Coimbra”, diz à VISÃO o vice-reitor com o respetivo pelouro, Amílcar Falcão.

Discretamente, há dois anos que Amílcar Falcão e Mário Santos, coordenador do Gabinete do Desporto Universitário da instituição (e com provas de eficácia dadas como presidente da Federação Portuguesa de Canoagem, cargo que exerceu de 2004 a 2013), trabalham na chamada “carreira dual”. Ou seja: criam

condições para que atletas de alta competição optem por estudar e treinar-se na Universidade de Coimbra (UC), com um estatuto especial, à imagem do que fazem congéneres norte-americanas. E a assunção é clara: haver competidores olímpicos “made in UC”.

A CAMINHO DA “CIDADE-LUZ”

Organizar a 4ª edição dos Jogos Europeus Universitários foi o impulso necessário para reabilitar totalmente o Estádio Universitário de Coimbra, pavilhões incluídos, que parecia entregue a uma degradação infindável. “Se essa requa-



Duo Mário Santos (à esquerda), do Gabinete de Desporto da universidade, e Amílcar Falcão, vice-reitor, mostram *Duc*, a mascote dos Jogos Europeus

A ORGANIZAÇÃO DOS JOGOS EUROPEUS UNIVERSITÁRIOS DEU O IMPULSO PARA TRANSFORMAR O MODELO DESPORTIVO DE COIMBRA E ATRAIR MAIS ATLETAS

lificação não fosse feita, seria bem mais difícil trazer atletas para a universidade”, reconhece Amílcar Falcão.

Uma das estrelas do evento será, sem dúvida, Tom Liebscher, o alemão que derrotou o canoísta Fernando Pimenta nos campeonatos do mundo de K1 1 000 metros, em agosto de 2017, na República Checa, “roubando-lhe” a medalha de ouro, na reta final, por 239 milésimos de segundo. O português teve de se contentar com a prata e chorou.

Terminados os jogos, no dia 28, o vice-reitor e Mário Santos regressam ao grande projeto de chamamento de atletas de alto rendimento à “carreira dual”, na Universidade de Coimbra, agora com uma oferta de equipamentos desportivos à altura. Pretendem, em concreto, chegar aos 50 estudantes com este estatuto especial.

Na mira está o ciclo olímpico que começa em 2020, com vista aos Jogos de Paris de 2024. Daqueles 50 estudantes/atletas de alto rendimento, é objetivo estipulado que entre 20 e 30 integrem, com selo “made in UC”, as equipas olímpicas portuguesas, sobretudo em modalidades individuais.

O menu de apostas é variado: canoagem, remo, natação, lançamento do disco, judo, ténis de mesa, ciclismo ou taekwondo, por exemplo. E o “projeto olímpico” não parte agora do zero

Números “loucos”

Os Jogos Europeus Universitários, que decorrem em Coimbra de 15 a 28 de julho, são o maior evento multidesportivo realizado em Portugal

3 300

Atletas

350

Universidades

40

Países

13

Modalidades

700

Técnicos (treinadores, chefes de delegação, fisioterapeutas)

400

Árbitros

1 000

Voluntários (400 locais, 400 de outras regiões nacionais e 200 internacionais)

€4

Milhões

Orçamento operacional

(a juntar a €5 milhões investidos na reabilitação de equipamentos desportivos)

– a universidade já tem 25 estudantes em “carreira dual” e todos integrados nas seleções nacionais das respetivas modalidades.

Aos atletas (e seus treinadores) que abordam, Amílcar Falcão e Mário Santos argumentam que, em Coimbra, encontram a “proximidade desejada entre locais de treino, de descanso e de estudo”. E, nada despreciandas, a isso somam-se “áreas de conhecimento a funcionar de forma articulada, da Farmácia à Medicina, da Física à Psicologia, da Mecânica às Engenharias”.

O vice-reitor e o coordenador do Gabinete do Desporto sabem que um atleta olímpico tem um custo médio de 50 mil euros por ano, sem incluir despesas académicas. Mas estão convencidos de que, entre bolsas olímpicas, apoios federativos e mecenatos de empresas e bancos, as verbas necessárias hão de surgir.

MÉDICOS DE ALTO RENDIMENTO

Numa pesquisa feita recentemente pelo gabinete dirigido por Mário Santos, a Universidade de Coimbra descobriu que tem entre os seus estudantes mais de 200 atletas federados de várias modalidades. Um achado para fortalecer as equipas da Associação Académica de Coimbra nas competições universitárias nacionais e internacionais. Mas o mesmo inquérito revelou que, no conjunto



Proximidade Do Estádio Universitário de Coimbra (*em cima*) ao Centro de Alto Rendimento de Montemor-o-Velho (equipado para canoagem, remo e triatlo) distam 26 km

dos 23 mil estudantes da universidade, apenas 20% praticam desporto. “Há uma quebra altíssima em quem deixa de fazer desporto quando ingressa no Ensino Superior”, verifica Mário Santos.

“Não vamos encarar o desporto universitário apenas a alto nível”, garante o vice-reitor Amílcar Falcão. “Tem de haver também resultados sistémicos na qualidade de vida dos nossos estudantes, e na sua formação através dos valores do desporto – a socialização, a capacidade de sofrimento, o ‘fair-play’ na vitória e na derrota.”

Agora, uma pulga atrás da orelha: que

curso é maioritariamente frequentado pelos atletas mais destacados e em “carreira dual” na Universidade de Coimbra? Surpresa ou não, Francisca Laia (canoagem), Diogo Carvalho (natação), Irina Rodrigues (lançamento do disco) e Catarina Costa (judo) estudam para serem médicos. Francisca, aliás, terminou este ano a licenciatura. Exceção à regra são os irmãos Dinis e Afonso Costa (remo) – o primeiro optou por Engenharia Informática e o segundo está a tirar Geografia. Pontes para uma nova vida depois da alta competição. jjunior@visao.pt